

O documentário é um esporte de combate - e de turismo

Por Carmen Rial,
PPGAS-UFSC

Há 13 anos, sempre em agosto, os moradores de Lussas, um pequeno vilarejo em meio às montanhas da Ardèche, no sudeste da França, vêem desembarcar ali centenas de estranhas figuras com mochilas ao invés de bolsas, cabelos com cortes e cores diversos, de diferentes gerações e com um ar nervoso de quem tem um metrô a pegar no instante seguinte. É hora de colocar os caixotes de pêras para vender em frente às portas, de armar grandes mesas para as refeições dos forasteiros, de alugar os quartos vagos nas casas. E de assistir ao vai-e-vem desses visitantes diante da Igreja. Todos os anos, Lussas, com os seus 800 habitantes, é palco do mais importante festival de cinema documentário realizado no interior da França, o *Estado Geral do Cinema Documentário*, que reúne profissionais de todos os ramos desta atividade e um público cada vez maior de aficionados do gênero.

O encontro cresceu junto com o cinema documentário na França: criado em 1989 por Jean-Marie Barba, morador de Lussas (filho da merceira da vila) com o nome de *Festival du Film en Région*, já então tinha como proposta reunir diretores, produtores e distribuidores com a intenção de refletir sobre a prática e as possibilidades artísticas do documentário. Filas, salas a cada ano mais confortáveis e menores (700 lugares no total) para um público em constante crescimento e descontraído, num estilo mais próximo do público de um concerto de rock do que do de um congresso acadêmico. Em 2000, o encontro já contara com a presença de três mil inscritos e em 2001 foram quatro mil, um aumento de audiência inesperado que causou transtornos de espera nas filas e mesmo a impossibilidade de entrada em algumas das seis salas que projetavam simultaneamente, em três turnos, os filmes da programação.

Mas não se enganem, é o debate de idéias, e não a festa, a constituir o centro deste encontro. Após cada projeção, o microfone circula e acolhe polêmicas acirradas, muitas em presença do diretor do filme em questão. O tom é mais ameno nas varandas dos cafés (onde produtores e diretores se procuram, surgem idéias de novos filmes, distribuidores fazem negócios) do que no cine-móvel (imenso caminhão construído em forma de confortabilíssima sala de cinema), no cinema-circo (auditório montado debaixo de uma lona de circo), no cinema ao ar livre (que só funciona à noite debaixo de um céu estrelado) ou nalguma das três salas convencionais.

Como em outros anos, o Festival de Lussas celebrou cineastas. O mundialmente famoso Pasolini teve seu lado de documentarista explorado uma ampla retrospectiva dos seus *Appunti* (anotações filmadas) - e não foi poupado de algu-

mas críticas ácidas por conta de um suposto “posicionamento de direita”. Outros homenageados: o senegalês Samba Felix N’Diaye, de Dacar (vivendo há anos em Paris); o berlinense Harun Farocki; o jovem Sergei Łoznitsa, que filma a letargia da Rússia atual com uma fotografia em preto e branco admirável mas uma distância dos sujeitos filmados que não passa despercebida a um antropólogo; o cinema iídiche de Emmanuel Finkiel e o do cineasta chinês Zhang Yuan, já conhecido no Brasil graças à *Mostra de Cinema Etnográfico*, testemunha e crítico das transformações da China atual.

Também como em outras edições, o Festival reservou espaço para a sempre inovadora linguagem do documentário norte-americano. Sabemo-lo capaz de produzir tanto filmes tocantes como *The March*, filmado por Abraham Ravett (sobre a memória da sua mãe judia acerca do campo de concentração de Auschwitz, e feito com recursos dos mais precários), de abrir novas possibilidades no uso de imagens de arquivo, como em *Unfinished Symphony* (sobre os protestos pacifistas dos veteranos do Vietnam), mas também o sabemos capaz de cair em formulas superficiais próximas da reportagem jornalística, como em *City Out*, sobre a bolsa de valores.

Com o título ambicioso de *O pensamento filmado*, foram exibidas entrevistas com filósofos, antropólogos e matemáticos. Jacques Derrida, presente no debate dos três filmes projetados com ele e sobre ele, não cansou de se furtar às observações da platéia “Não sou o autor (dos documentário), sou apenas um ator dócil”. Amplamente valorizados na programação, esses perfis de acadêmicos não diferem dos que já se fazem no Brasil há anos, no NAVISUAL na UFRGS, no NAVI (Núcleo de Antropologia Visual da UFSC, com a série Os antropólogos que passaram pela Ilha) e, mais recentemente, na UERJ, com a série de entrevistas televisionadas produzidas por Clarice Peixoto.

Um dos seminários mais interessantes, “Ensinar? Filmem agora...”, apresentou propostas pedagógicas aplicáveis do ensino primário ao ensino superior. Destaque ainda para os documentários de Amos Gitai, *Wadi e Wadi*, *Grand Canyon*, que acompanham há 20 anos a vida de judeus, palestinos, marroquinos, russos, e outros, habitantes de um mesmo bairro na cidade de Haifa, no Oriente Médio. E para os de Pierre Carles (*A Sociologia é um esporte de Combate*, documentário/entrevista de Pierre Bourdieu, há meses passando em salas de cinema comercial na França; *Enfin pris*, crítica à censura na televisão, que teve amplo público nos cinemas mas que, explicou o diretor, ainda não conseguiu espaço de divulgação na TV, nem mesmo no canal ARTE).

O documentário é uma forma em plena expansão na França, tanto nas salas de cinema convencionais quanto na televisão, com a abertura de diversos canais temáticos especializados em documentários. Lussas é um dentre muitos exemplos desta evolução. O crescimento de 30% da sua platéia corresponde ao do investimento em filmes documentários na França, 27%, e ao de horas de documentários realizadas, 20% a mais em relação ao ano passado. Este foi um dos temas de conversação nas ruelas do vilarejo. Como todos os anos, a crítica de cinema e as dicas de lugares onde se banhar no rio dividiram os aficionados do documentário nas salas de Lussas, das nove da manhã até depois da meia-noite.